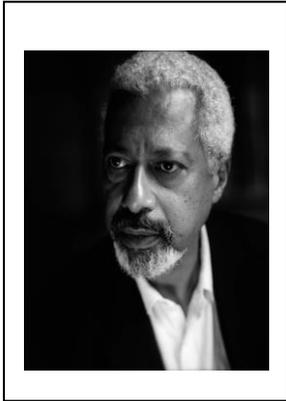


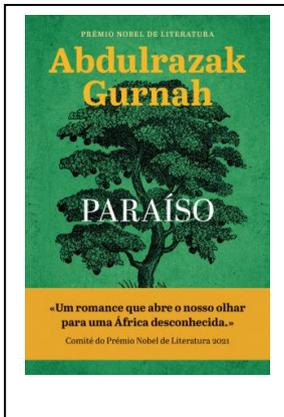
[Paraíso] [Abdulrazak Gurnah]



[Abdulrazak Gurnah] Biografia:

Abdulrazak Gurnah nasceu em 1948 em Zanzibar. Na década de 1960, foi forçado a sair do seu país, então a braços com uma revolução, e chegou como refugiado ao Reino Unido. Foi professor de Inglês e Literaturas Pós-coloniais na Universidade de Kent. A sua obra versa sobre a experiência africana, o colonialismo e o refugiado, e nela se destacam os romances Paradise (1994), finalista do Booker Prize e do Whitbread Award, By the Sea (2001), nomeado para o Booker Prize e finalista do Los Angeles Times Book Award, e Desertion (2005), finalista do Commonwealth Writers. Vidas Seguintes (2020) foi finalista do Orwell Prize for Political Writing 2021 e nomeado para o Walter Scott Prize for Historical Fiction 2021.

Sinopse de [Paraíso]



Nascido numa pequena povoação da África Oriental, Yusuf é vendido aos doze anos pelo seu pai ao rico comerciante Aziz, a quem se habituara a chamar tio. Na sua nova vida como escravo, Yusuf é chamado a participar numa perigosa expedição comercial ao interior do continente. Uma verdadeira viagem de iniciação pelo coração das trevas ao longo de uma paisagem bela e selvagem, que o levará a descobrir um território povoado por tribos hostis, africanos muçulmanos, comerciantes indianos e agricultores europeus, um paraíso ameaçado, em vésperas da Primeira Guerra Mundial.

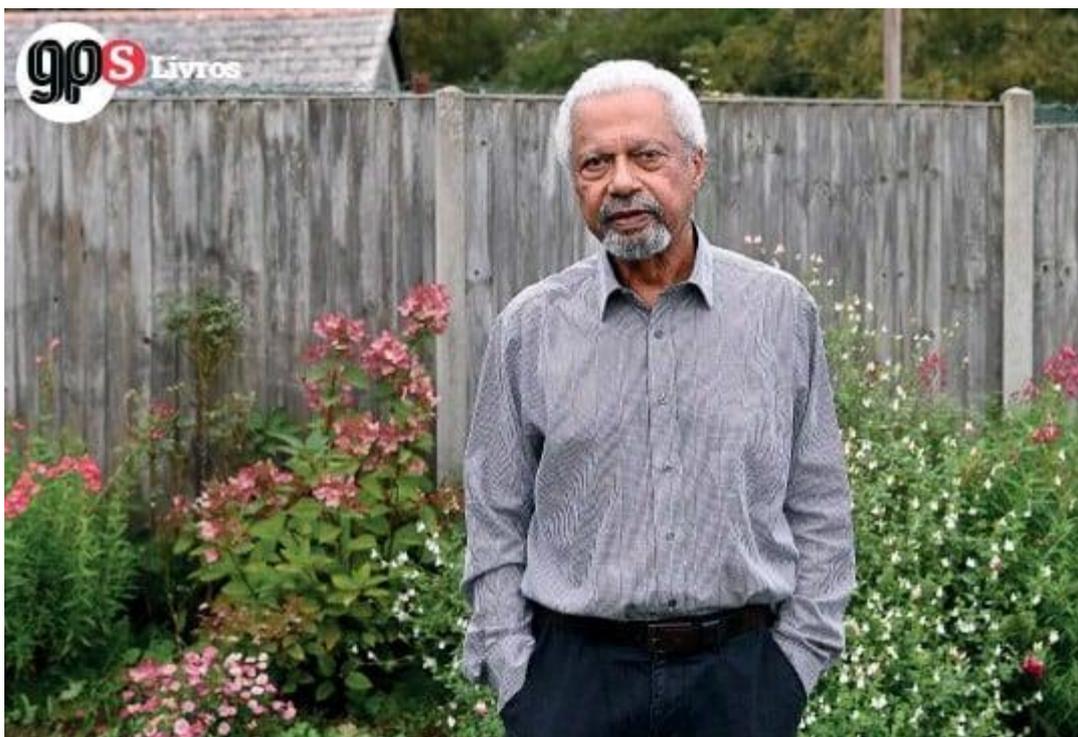
Aliando romance de formação, ficção histórica e literatura de viagens num mosaico de mitos, sonhos, tradições bíblicas e corânicas, Gurnah descreve as feridas vivas de um continente ainda virgem em vias de ser colonizado.

Finalista do Booker Prize e do Whitbread Award, Paraíso, originalmente publicado em 1994, foi o romance que projectou Abdulrazak Gurnah para o palco internacional, consagrando-o como um dos grandes escritores da actualidade.

As obras de Abdulrazak Gurnah, Nobel da Literatura

Ao longo do último ano, a Cavalo de Ferro editou e reeditou as maiores obras de Abdulrazak Gurnah, um autor em diálogo constante com o colonialismo e um dos mais obscuros prémios Nobel da Literatura.

SÁBADO 29 Sep 2022 Pedro Henrique Miranda

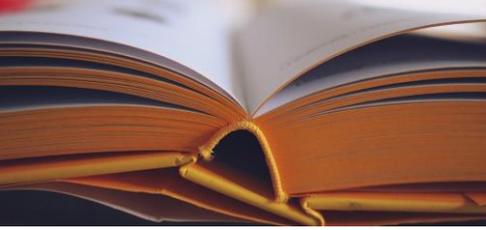


Do Prémio Nobel da Literatura de 2022 marcado para 6 de outubro, perfaz-se um ano desde a entrega do mesmo prémio àquele que foi, provavelmente, um dos mais improváveis laureados dos últimos anos: Abdulrazak Gurnah, o romancista e professor tanzaniano radicado em Inglaterra que fez do colonialismo e da experiência de refugiado os temas centrais da sua obra.

O vencedor de 2021 não estava apenas ausente do topo das listas que todos os anos se formam nas casas de apostas, que tinham como favoritos a francesa Annie Ernaux, o japonês Haruki Murakami ou a canadiana Margaret Atwood – não figurava, de todo, nas listas. De facto, o próprio Gurnah admitiu que a princípio considerou a notícia uma piada, e a comunidade literária foi apanhada de surpresa pela entrega do prémio a um autor relativamente desconhecido no panorama internacional, e cujas principais obras não estavam em particular demanda fora da Grã-Bretanha, algumas delas a ponto de estarem esgotadas e sem reedição.

O romance Junto ao Mar, de 2001, é uma grande novidade da Cavalo de Ferro, mas já tinha sido editado em Portugal em 2003. É a história de um velho refugiado de Zanzibar

O autor nasceu em 1948, no então Sultanato de Zanzibar, súbdito do Reino Unido, para onde se mudou aos 18 anos como refugiado de guerra da revolução que instaurou o Estado da Tanzânia. A vivência África, filtrada pela lente da sua ascendência árabe e da educação ocidental, que obteve em Kent, influenciaria



decisivamente a sua obra ficcional, que o comité do Nobel descreveu como “uma intransigente e compassiva penetração dos efeitos do colonialismo e os destinos dos refugiados no golfo entre culturas e continentes”.

Em Portugal, a única tradução a que tínhamos acesso antes da atribuição do Nobel era uma edição de 2003 de *Junto ao Mar* (2001), da entretanto extinta Difel – por coincidência, a mais recente reedição de Gurnah pela Cavallo de Ferro é uma excelente porta de entrada para o trabalho do autor. Estão lá todas as suas marcas de assinatura: a jornada de um velho refugiado em busca de uma vida melhor, partindo da guerra em Zanzibar para requisitar asilo no Reino Unido, a prodigiosa erudição da linguagem e o extenso enquadramento histórico da região, incluindo as relações de poder com o Ocidente, a ligação cultural ao Médio-Oriente e, acima de tudo, a imersão no mundo psicológico do colonizado, levantando a cortina a um retrato pungente do desespero e da humilhação impostos pelo colonizador.

Extensamente aclamado pela crítica, o livro foi nomeado para o Booker Prize, o mais prestigiado prémio literário britânico, mas não foi o primeiro a sê-lo: *Paraíso* (1994), que só ganhou edição portuguesa em março de 2022, é geralmente tido como o primeiro grande livro de Gurnah, e acompanha a história de Yusuf, um rapaz de 12 anos de uma pequena povoação da África Ocidental vendido pelo pai a um comerciante rico e obrigado a participar numa perigosa expedição ao interior do continente, deparando-se, nas vésperas do espoletar da Primeira Guerra Mundial, com toda a diversidade de povos que o ocupam.

A completar a tríade de edições de Gurnah, este ano, pela Cavallo de Ferro, está a obra-prima tardia que decerto muito contribuiu para a atribuição do Nobel: *Vidas Seguintes* (2020), crónica da primeira metade do século XX da costa Swahili, da ocupação colonial alemã à Revolução de Zanzibar, vista pelos olhos de dois jovens rapazes, Ilyas e Hamza. Em falta no catálogo de grandes livros do autor (talvez para uma edição futura), fica *Deserção* (2005), relato de dois amores proibidos, separados por 50 anos, entre britânicos e tanzanianos.

Abdulrazak Gurnah: “Não ganhamos prêmios por sermos africanos, mas pelo que escrevemos”

Vencedor do Nobel deste ano reflete sobre o conceito de literatura pós-colonial e as limitações do reconhecimento. “É a escrita que está sendo premiada, não a percepção dos leitores”



Abdulrazak Gurnah em sua casa em Canterbury, na Inglaterra, em outubro. FRANK AUGSTEIN (AP)

EL PAÍS, ANDREA AGUILAR 28 NOV 2021 - 14:04 CET

Pouco mais de um mês depois de receber a ligação da Academia Sueca para informá-lo de que havia ganhado o Prêmio Nobel de Literatura de 2021, o escritor tanzaniano Abdulrazak Gurnah (Zanzibar, 1948) se conectava na segunda-feira passada por videochamada, de Barbados. Embora mantenha a sua residência habitual no Reino Unido, no condado de Kent, em cuja universidade fez o doutorado e lecionou durante quase três décadas, viaja com frequência para as Antilhas, pois sua mulher tem família ali.

Conciso e cortês, veste uma camisa de linho branco e está em um cômodo de madeira pintado da mesma cor e que nos oferece poucas referências do lugar. Já redigiu o discurso de aceitação do Nobel, que não irá buscar em Estocolmo, mas na Embaixada da Suécia em Londres.

A organização optou por manter a cautela na pandemia e celebrar os prêmios de acordo com o país de residência dos premiados. Gurnah trata da questão dizendo que suas palavras na cerimônia “não trarão grandes surpresas” e sem querer antecipar as ideias ou tópicos que abordará nessa verdadeira aula magna.

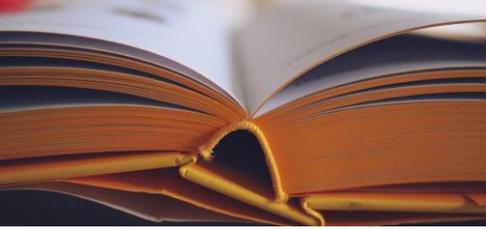
Um Nobel para entender que o Ocidente não é o centro do mundo

Autor de uma dezena de romances, Gurnah não aparecia nas apostas do Nobel. Segundo ele, recebeu o telefonema do comitê sueco com genuína surpresa, mas a verdade é que seu nome já havia constado da lista de indicados a dois dos mais conceituados prêmios da língua inglesa: o Booker Prize e o Whitebread. Foi em 1994, graças ao seu quarto livro de ficção, *Paradise — Paraíso* na edição que será reeditada em dezembro na Espanha, com nova tradução. “Não há edição brasileira dessa obra. “Foi o romance que me permitiu chegar a muitos e novos leitores. O processo de indicação ao Booker naquele momento não era tão longo como agora, era algo mais vivo e emocionante, ou pelo menos assim foi para mim”, lembra. Fazia muito tempo que ele havia deixado a Tanzânia, em 1968, quando o Sultanato de Zanzibar foi violentamente derrubado, e se graduou no Reino Unido. Depois de passar alguns anos dando aulas na Nigéria, voltou para a Universidade de Kent, começou a escrever romances e nunca mais foi embora.

Tinha começado aquele romance muito tempo antes e a primeira coisa que escrevera era precisamente a cena com a qual a história se encerra. “Foi assim que *Paradise* começou, mas depois fui escrevendo outras coisas, trabalhando em outros assuntos. Aquilo ficou guardado no meu caderno por seis ou sete anos sem que eu fizesse nada com isso, embora claramente o tivesse na cabeça. Queria escrever sobre a Primeira Guerra Mundial no leste da África. O tempo passava e comecei a me perguntar como se chegou àquele momento em que os alemães começaram a recrutar soldados ali”, recorda.

Em uma viagem bem longa e sozinho por vários países da região, ficou impregnado da paisagem e de outras histórias que ouviu nesses lugares. E assim foi se aproximando de “uma outra dimensão” sobre o lugar e sua história, sobre essa costa da Tanzânia e do arquipélago de Zanzibar. Tudo isso culminou de forma tangencial em um dos temas centrais da obra de Gurnah como um todo: o colonialismo. “O primeiro encontro com os colonos europeus é mais um dos temas sobre o qual comecei a refletir. Eu vi meu pai muito mais velho pouco antes de ele morrer e pensei que ele devia ser um menino quando aquilo aconteceu. Isso me levou a tentar imaginar como eram as coisas antes de acontecer aquele encontro, antes de esses estranhos chegarem e dizerem que eles estavam no comando de tudo”, explica, e acrescenta que sua escrita muitas vezes toma forma ao longo de muito tempo, e seguindo diferentes meandros, de modo que o princípio pode acabar sendo o final.

Essa extensa geografia de ideias acaba permeando o enredo e o terreno que *Paradise* percorre. No romance, a criança protagonista passa às mãos de um rico comerciante por causa das dívidas de seu pai e, depois de passar alguns anos trabalhando em dois empórios, se junta a uma grande expedição comercial, uma caravana mítica. Há referências a uma montanha nevada, um lago que conseguem atravessar em um único dia e algumas cachoeiras majestosas, mas não há nomes, nem mapas. “Escrevi presumindo que quem lesse conheceria o terreno e reconheceria o Kilimanjaro e o lago Tanganica. E de fato é possível ver o caminho que eles seguem, mas, ao não nomeá-lo, abre-se de alguma forma a possibilidade de que seja mais



mítico, e de que o que é narrado possa acontecer em outro lugar. O leitor pode imaginar sem ter que se vincular a um lugar específico”, argumenta.

Sem dúvida, um dos mapas mais variados dos descritos por Gurnah em seu romance é o humano, com sua rica descrição da mistura de personagens de diferentes religiões e raças, dos árabes aos sikhs, que habitaram aquela parte do mundo no início do século XX e competiam entre si antes da chegada das potências europeias. “Havia distintas sociedades e culturas que estavam em contato sem que houvesse uma autoridade central ou algo semelhante. Eram grupos que não acho correto chamar de nações. Entre si viviam em uma negociação permanente, tanto cultural como linguística. Não havia uma cultura dominante”, afirma. “Aqueles pessoas eram mercadores que comercializavam entre si e se declaravam guerra ou o que fosse.” A descrição do caldeirão de culturas que povoam o romance de Gurnah escapa a qualquer simplificação ou idealização do passado pré-colonial. A violência e a crueldade despontam sem reparos e sem a necessidade de que o colonialismo europeu chegue. “As simplificações do passado e do presente têm que ser contestadas”, sustenta.

“A leitura e a escrita andam juntas, sempre pensei nisso. É um ingrediente tão fundamental para o escritor como as experiências de vida”

Essas pessoas falavam línguas diferentes, embora o protagonista, Yusuf, se faça entender em suaíli, um idioma cuja gênese, explica Gurnah, é muito semelhante à do crioulo e que, além do mais, é sua língua materna, embora sempre tenha escrito seus livros em inglês. “Em parte porque é um idioma no qual sempre fui bom, mesmo na escola em comparação com os colegas. Mas talvez o mais determinante é que só pensei em escrever quando cheguei à Inglaterra e, mesmo assim, levei algum tempo até aceitar que era isso que eu queria fazer. E durante todo esse período eu já estava morando no Reino Unido e estudando literatura e lendo em inglês. Tinha muita coisa ruim, mas uma das melhores é o quanto havia para ler, quantos livros eu tinha à minha disposição nas bibliotecas”, explica.

“A leitura e a escrita andam juntas, sempre pensei nisso. É um ingrediente tão fundamental para o escritor como as experiências de vida, é o que te dá contexto e relevo ao seu trabalho, o que te permite compreender a área em que você se desenvolve. Então, quando comecei a questionar em que idioma fazer isso, não passou outra coisa pela minha cabeça, fiz no mesmo idioma em que estava lendo.” A sua perspectiva sobre isso mudou com o tempo? “Assim como acontece com os atletas, às vezes você não consegue escolher a prova em que vai competir. Você pode gostar muito de salto em altura, mas pode não ser tão bom como nas maratonas. Algo assim acontece com a minha escrita, não foi de todo uma escolha. Faria diferente hoje? Não, porque gosto de escrever em inglês e sinto prazer ao fazer isso.”

A literatura pós-colonial é o campo de pesquisas dele desde a década de 1980, e em sua obra de ficção desempenha um papel central, conforme destacou o júri do Nobel. Em *Paradise*, um personagem fala sobre como a história será escrita e como os colonizadores farão com que leiam aquela versão como se fosse “a palavra sagrada”. Gurnah acha que literatura pós-colonial é um termo apropriado? “A primeira coisa é que isso nem existia quando eu estava cursando minha pós-graduação”, diz. O estudo das diferentes literaturas se dava então com base em um prisma geográfico e cada área contava com especialistas que defendiam seu terreno.

“Quem é você para falar sobre literatura caribenha ou literatura africana? Essa era a atitude até que um grupo de teóricos do pós-colonialismo, como Edward Said, Gayatri Spivak e Homi K.

Bhabha, começou a aplicar certos modelos para identificar algumas experiências comuns e lançou as primeiras flechas. Foi isso que permitiu agrupar escritores de diferentes lugares e afastar-se das autoridades regionais. Só em meados da década de 1990 começamos a dar uma disciplina de Literatura Pós-colonial e isso aconteceu porque era algo útil, não a finalidade de tudo”, relata.

Quem ganhou o Nobel de Literatura no ano em que você nasceu?

“Hoje a discussão sobre o termo literatura pós-colonial não me preocupa. Eu a vejo como uma expressão provisória que nos permite reunir diferentes textos para estudo. É útil no plano acadêmico, mas não creio que seja como fórmula para descrever a literatura fora desse campo”, pondera, e prossegue dizendo que se alguém o descrever como um escritor pós-colonial, ele concordaria, embora isso diga pouco sobre a escrita em si. “A escola pós-colonial não deve ser jogada fora porque vale para algumas coisas, principalmente para ensinar e escrever crítica. Mas acho que essa utilidade, não servirá ao autor. É para quem estuda a sua obra, não para o criador. Quando me perguntam se sou britânico, africano ou zanzibar, bem, não sei, sou tudo isso, mas, serve para alguma coisa? Pode dar aos leitores um pouco de contexto, suponho, mas então você tem que ler os livros para chegar ao escritor.”

Sobre o sucesso da leitura pós-colonial no meio acadêmico, Gurnah tem uma visão positiva por sua enorme diversidade e abrangência. “Os especialistas do século XVIII, os medievalistas ou os estudiosos da dança moderna estão interessados nisso. As mentes se abriram com essa ideia do colonialismo e suas consequências, algo que se relaciona com qualquer aspecto da cultura, tanto os lugares europeus como dos lugares colonizados. Essa consciência surgiu e aumentou a conexão com o mundo não europeu. Os estudos pós-coloniais questionam coisas tão óbvias como os próprios escritos sobre o colonialismo. E é uma disciplina que vai em várias direções, que estuda relações que remontam a muitos séculos e que nos permite compreendê-las melhor.”

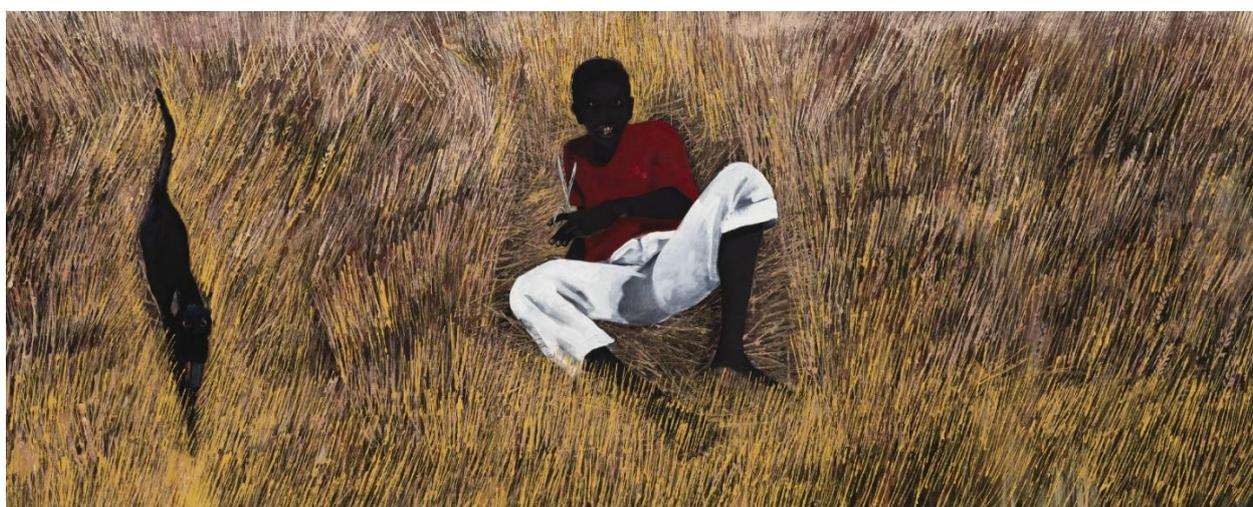
A coincidência este ano de vários escritores de origem africana na lista de importantes premiações literárias (o Nobel, o Booker, o Goncourt, o Camões e o Neustadt) levou alguns a se referirem a um fenômeno. Qual é a sua posição sobre isso? “Eles ganharam não porque são de origem africana, mas porque a sua escrita mereceu. Que esses prêmios tenham sido dados a esses escritores é bom, no ano passado não foi assim. Não é que mundialmente se tenha decidido que os africanos deveriam ser premiados, é a escrita que foi premiada”, afirma.

Essa literatura sempre esteve aí e até agora não lhe deram atenção? Esta é uma idade de ouro? “Há muitos escritores aos quais não se presta atenção e há muitos jovens, e alguns não tão jovens, que estão se destacando. E haverá muitos mais. Pode ser que haja um certo tipo de corrente, mas não estou seguro de que a atribuição dos prêmios signifique que haja uma consciência por parte dos leitores... Insisto, é a escrita que está sendo premiada, não a percepção dos leitores, embora isso tenha algo a ver. O que li sobre este assunto são manchetes sugerindo que este é o ano da África, e entendo que os jornalistas precisam tentar agrupar e resumir, mas o que isso faz é diminuir a conquista de cada um dos escritores premiados. E a história se apresenta como um fenômeno cultural mais do que literário.”

Gurnah conta que está trabalhando em um novo livro e se despede amável e apressado.

Abdulrazak Gurnah, Nobel de literatura, diz que Ucrânia sofre um imperialismo cruel

Referência no pensamento anticolonial, tanzaniano tem em 'Sobrevidas' seu primeiro livro publicado no Brasil



Folha de S. Paulo, Walter Porto

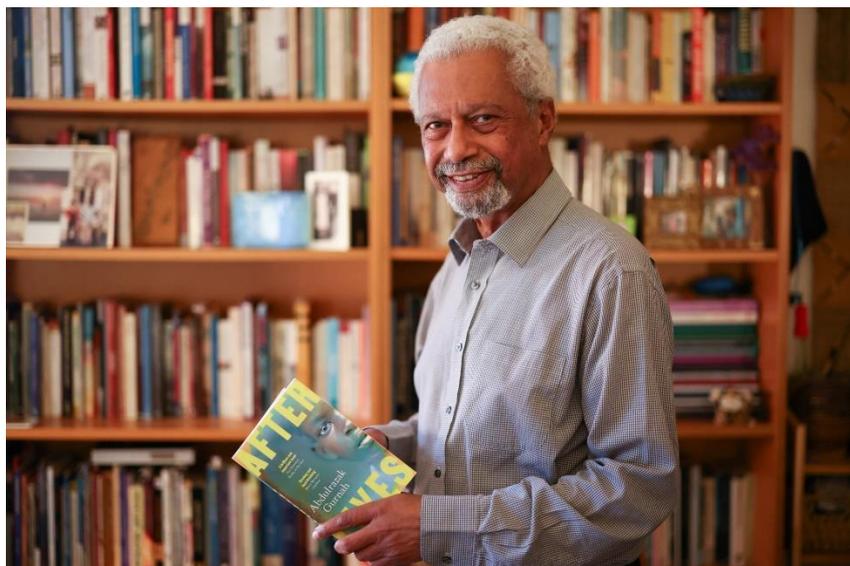
“À medida que eu aprendia a ler com a compreensão mais ampla, cresceu em mim o desejo de escrever em recusa às simplificações cheias de certezas das pessoas que nos desprezavam e diminuíam”, discursou o tanzaniano Abdulrazak Gurnah ao aceitar o prêmio Nobel de literatura em dezembro do ano passado.

A maneira como o autor descreve sua decisão de se opor à perspectiva dominante sobre África pode muito bem ser a definição dicionarizada de narrativa decolonial.

“Algo perturbador ficou claro para mim, que uma nova história esta sendo construída, transformando e obliterando o que havia acontecido. Essa história era o trabalho inevitável dos vitoriosos, mas também era adequada a analistas e acadêmicos que não tinham interesse real em nós e se tornou necessário rejeitar essa história”.

Foi a partir disso que se construiu o projeto literário deste escritor de 73 anos, que se mudou para o Reino Unido como refugiado em 1968 por perseguição aos árabes em sua terra natal – uma artista tão singular a ponto de conquistar a distinção mais alta da literatura mundial, a quarta pessoa negra premiada na história.

Escrever contra quem nos despreza nem sempre significa se manifestar com estridência, como prova a literatura sutil e matizada de Gurnah. Como reitera o autor de “Sobrevidas” – seu romance mais recente e seu abre alas nas livrarias brasileiras – contar histórias com nuances é fundamental para que os estereótipos criados pelos colonizadores não sejam combatidos com outras simplificações.



“Você não responde a uma história falsa com outra história falsa”, afirma Gurnah, um homem grisalho de voz suave e pesadas bolsas sob os olhos, em entrevista a este jornal. “Se a história oficial é um exagero, você não reponde com outra distorção. Talvez o seu resultado seja menos retumbante, soe menos como uma declaração de palanque, mas se você aponta as imprecisões naquela história, mostra que já outra maneira de olhar.”

“Eu vejo isso como ativismo, não quietude”, continua. “Escrever da maneira mais verdadeira sobre a condição dos colonizados não exige declarações em volume alto, anúncios polémicos. Talvez, se você fizer isso, sua voz seja ouvida melhor em meio à multidão, mas não me parece a coisa mais valiosa que um escritor pode fazer.”

Dessa forma, “Sobrevidas” mistura narrativas mais familiares – Hmaza, o adolescente da África Oriental que se vê vitimado pela insanidade de uma guerra europeia que tem palco na sua terra – e outras mais inesperadas – Ilyas, o jovem que se voluntaria nessa mesma guerra para lutar ao lado dos alemães que colonizam seu povo.

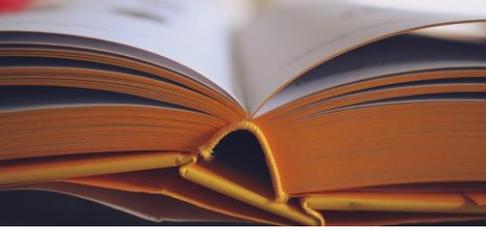
Numa cena, Ilyas sai em defesa dos colonizadores afirmando que estavam “combatendo um inimigo que foi tão selvagem quanto eles”. “Eles tiveram de revidar com severidade porque é só assim que os selvagens conseguem entender ordem e obediência. Os alemães são um povo honrado e civilizado e fizeram muita coisa boa desde que chegaram aqui”, diz o jovem africano.

“Ilyas representa muitas pessoas que abraçaram as autoridades coloniais”, comenta seu autor. “E você pensa 2por que alguém faria isso, lutar contra os africanos?”. A resposta está, entre outras coisas, no prestígio económico e de poder que isso conferia. Você quer se aliar aos vencedores.”

O romance, ambicioso sem perder o pé no chão, constrói aos poucos um painel de personagens que cobre diferentes gerações da colonização alemã no final do século 19 à dominação da região pelos britânicos, passando pelos reflexos de duas guerras mundiais até chegar aos ventos da independência.

É curioso que o livro saia no Brasil justamente quando outra invasão de ares expansionistas abala a Europa. A violência imperialista nunca cessou de operar no mundo, afirma Gurnah, mas o avanço da Rússia sobre a Ucrânia tem particularidades que ele chama de cruéis.

“No caso dos britânicos, dos franceses, dos portugueses, eles atravessaram os mares para dominar pessoas completamente diferentes deles, com um alto grau de ferocidade e desumanidade”, afirma.



“Na Rússia, há a diferença da vizinhança. O que é especialmente cruel é que há uma longa história de amizade, de compartilhamento de cultura e aré de famílias entre eles, o que torna tudo mais desagradável e injusto.”

A carreira de Gurnah como escritor – a que os brasileiros terão acesso ampliado a partir do ano que vem, quando a Companhia das Letras traz “Paraíso”, “À beira mar” e “Desertion”, este último ainda sem tradução para o português – é marcada também por reflexões sobre a sensação de deslocamento nos imigrantes.

Foi algo que o tanzaniano sentiu na pele. Ainda que evite escrever sobre experiências flagrantemente autobiográficas, ele afirma que passar a vida adulta no Reino Unido permitiu que elaborasse melhor o que significava viver sob o jugo colonial – talvez melhor do que se tivesse ficado em Zanzibar, onde nasceu.

Essas memórias se mobilizam, diz ele, quando você “já tem uma certa idade e sente que já teve uma vida completa”. E mesmo assim não consegue digerir a sensação de que está fora do lugar. A sensação de que você perdeu algo que continua dentro de você.

Num ponto alto do romance, o jovem Hanza, traumatizado por brutalidades da guerra, faz uma confissão que ecoa os sentimentos de Gurnah.

“Você quer que eu te conte a minha vida como se eu tivesse uma história completa, mas eu tenho fragmentos entrecortados por uns buracos complicados, coisa que eu teria perguntado se pudesse, momentos que acabaram cedo demais ou foram inconclusivos.”

“As pessoas que fazem parte de uma comunidade têm maneiras de tornar o insuportável mais suportável para as outras”, diz o escritor a este reportes. “Quando você está longe, vê as coisas com menos rodeios. Não é que a distância permite que você veja mais claramente. Mas você aprende novamente a ver.”

Nobel da Literatura Abdulrazak Gurnah promete continuar a falar de migrantes

ANC // Visão



Lusa

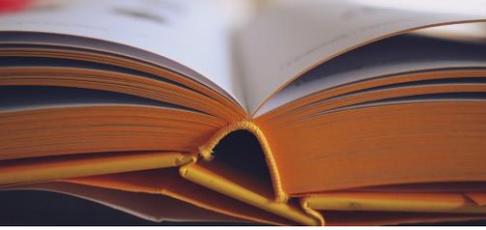
O prémio Nobel da Literatura 2021, Abdulrazak Gurnah, declarou hoje que continuará a tomar a palavra para falar de imigração, classificando o 'Brexit' como "um erro" e as políticas dos Governos europeus como "desumanas"

O escritor de 72 anos, nascido no sultanato de Zanzibar e refugiado em Inglaterra nos anos 1960, foi distinguido na quinta-feira pela sua obra sobre a era colonial e pós-colonial na África oriental e sobre os tormentos dos refugiados encurralados entre dois mundos.

"Escrevo sobre essa condição, porque quero escrever sobre as interações humanas, o que as pessoas passam quando tentam reconstruir a sua vida", disse Gurnah numa conferência de imprensa em Londres, um dia após a sua consagração.

O autor não esperava o prémio: "Escrevemos o melhor que podemos e esperamos que resulte!"

Com dez romances, diversos contos e vários livros de ensaio e crítica literária publicados, Abdulrazak Gurnah insistiu que continuará a falar francamente das questões que moldaram a sua obra e a sua visão do mundo.



Prémio Nobel ou não, comentou, “é a minha maneira de falar: não estou a representar um papel, digo o que penso”.

O quinto autor nascido em África a ganhar o prémio, Abdulrazak Gurnah fugiu de Zanzibar em 1967 e chegou a Inglaterra em 1968, onde se instalou e adquiriu a nacionalidade britânica.

Embora a sua língua nativa seja o suaíli, também aprendeu inglês no arquipélago do oceano Índico, protetorado britânico antes da sua vinculação à Tanzânia, mas apesar de escrever em inglês, o escritor conserva uma forte ligação à sua terra natal, uma ligação que alimenta a sua obra.

“Eu sou de Zanzibar, não há qualquer confusão no meu espírito quanto a isso”, sublinhou.

“O meu trabalho e a minha vida são aqui” no Reino Unido, “mas não é isso o que inteiramente constitui a nossa vida imaginária ou a nossa vida imaginada”, acrescentou.

Após meio-século passado no Reino Unido, Gurnah considera que o racismo ali diminuiu, mas que as instituições do país se mantêm “autoritárias”, referindo o exemplo do escândalo “Windrush”, sobre o tratamento infligido a milhares de imigrantes das Caraíbas que chegaram legalmente ao Reino Unido entre 1948 e 1971, mas foram privados de direitos por falta dos documentos necessários.

“Estamos a assistir à continuação da mesma torpeza”, prosseguiu, antes de atacar “o erro” do ‘Brexit’ (saída do Reino Unido da União Europeia), no qual vê “qualquer coisa de nostálgico e de ilusório”.

O escritor mostrou-se igualmente crítico em relação às políticas de outros países europeus, como a Alemanha que, na sua opinião, não “encarou de frente a sua história colonial”.

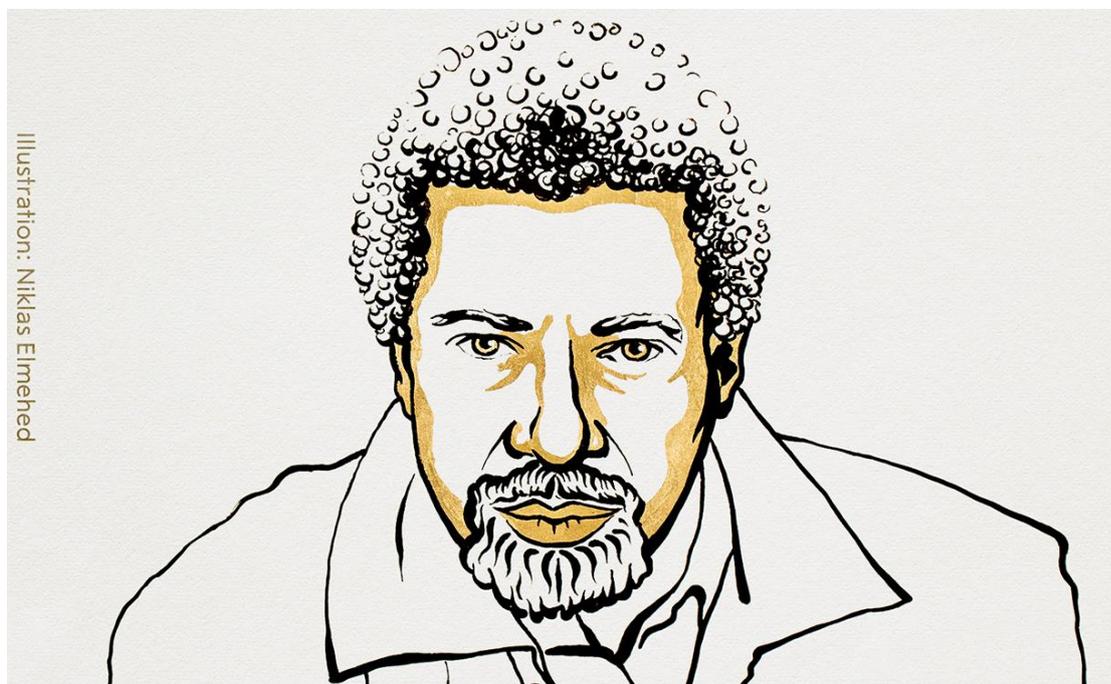
O seu mais recente romance, “Afterlives” (2020), segue a vida de um menino roubado aos pais pelas tropas coloniais alemãs, que regressa à sua aldeia para procurar os pais e a irmã desaparecidos.

O Nobel criticou a linha dura dos Governos europeus em relação à imigração procedente de África e do Médio Oriente, considerando-a cruel e ilógica.

“Nesta resposta aterrorizada — ‘Mas quem são estas pessoas que aí vêm?!’ — há uma falta de humanidade, uma falta de compaixão”, apontou, acrescentando que não existe para tal “qualquer fundamento moral ou racional: as pessoas não chegam sem nada, chegam com a sua juventude, a sua energia, o seu potencial”.

“O simples facto de se contemplar a ideia ‘eles estão aqui, eles vêm roubar alguma coisa à nossa prosperidade’ é desumano”, defendeu.

ABDULRAZAK GURNAH: O SURPREENDENTE VENCEDOR DO NOBEL DA LITERATURA



Livraria Lello foi ouvir a opinião dos bookstagrammers

Sandra Cavaleiro, Carolina Branquinho, Álvaro Cúria e Ludgero Cardoso têm em comum a paixão pelos livros e o facto de a partilharem com o mundo, através das suas páginas de Instagram. Todos acompanharam com grande ansiedade a divulgação do vencedor do Prémio Nobel da Literatura 2021. A convite da Livraria Lello, deixam aqui as primeiras reações.

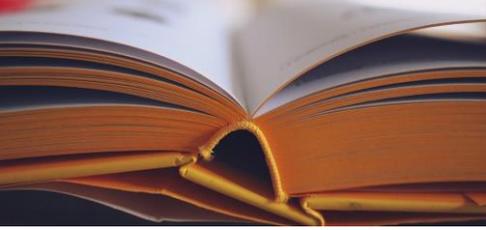
Sandra Cavaleiro

Leituras descomplicadas

O mundo da Literatura está a viver os primeiros momentos após o anúncio do laureado com o Prémio Nobel de 2021. Abdulrazak Gurnah, desconhecido de grande parte dos portugueses, entra agora na nossa esfera e desperta a curiosidade de muitos leitores. Nascido em Zanzibar, na Tanzânia, em 1948, chegou ao Reino Unido 20 anos depois, como refugiado. É na Universidade de Kent que atualmente nos transmite a sua essência, enquanto homem, escritor e professor.

Foi-lhe atribuído o Nobel por colocar por escrito "os efeitos do colonialismo e do destino dos refugiados no abismo entre culturas e continentes". O Nobel da Literatura é muito mais do que um simples prémio. A par do Nobel da Paz, ele permite dar voz a grupos com menor representatividade. Numa época em que é impossível ficarmos indiferentes ao sofrimento de migrantes, de refugiados e de grupos silenciados em todo o mundo, este prémio vai para além das páginas dos livros de Abdulrazak Gurnah.

Em *Junto ao mar* (único romance do autor traduzido para português), Gurnah conta-nos algumas "Refugee Tales", mostrando que o "Paradise" pode existir, quase como "The last gift" num "Afterlives"



em que não existe espaço para "*Desertior!*". Apenas para ser a voz que todos, no conforto do mundo ocidental, devemos ouvir e passar às próximas gerações.

Carolina Branquinho
Singularidade dos Livros

Há tanta literatura no mundo e acabamos, muitas vezes, por ler sempre sobre as mesmas temáticas... Prémios como o Nobel dão-nos a conhecer realidades diferentes, oferecendo novos mundos ao nosso mundo. Abdulrazak Gurnah é o novo Nobel da Literatura e o seu nome foi recebido com alguma surpresa. Com apenas um livro editado em Portugal (esgotado), é normal que fosse desconhecido por muitos leitores portugueses.

Gurnah nasceu em 1948, em Zanzibar, Tanzânia, mas vive em Inglaterra, para onde fugiu, na década de 1960, devido a convulsões políticas que levaram à perseguição de cidadãos de origem árabe no seu país natal. Esta temática dos refugiados pauta grande parte da sua obra e é o motivo apresentado pela Academia Sueca para o galardoar. Estou ansiosa que as editoras nacionais nos ofereçam a sua obra, pois é fundamental ler sobre estas temáticas tão importantes.

O romancista, que começou a escrever aos 21 anos e publicou o seu décimo romance, *Afterlives*, em 2020, é apenas o segundo negro africano galardoado com um Nobel da Literatura.

Álvaro Cúria e Ludgero Cardoso
Literacidades

Ficámos agradavelmente surpreendidos com a atribuição do Nobel a Abdulrazak Gurnah, um autor que desconhecíamos por completo, mas que, numa rápida pesquisa sobre sua biografia e obra, verificámos ser uma voz de extremo relevo em assuntos prementes, que nos interessam e para os quais a Humanidade deve estar sensibilizada. Que a Literatura possa contribuir para um mundo mais reflexivo, mais diverso, é atribuir-lhe um papel primordial.

Nascido no Zanzibar, Gurnah escreveu sobretudo em Inglaterra, país que o acolheu enquanto refugiado. A temática da sua obra, daquilo que nos foi dado a perceber numa primeira pesquisa, passa pelos estudos pós-colonialistas, a vivência dos refugiados entre culturas e continentes, procurando sempre uma verdade que foge à explicação simplista. Um dos aspetos que mais curiosidade despertou foi o facto de Gurnah nos apresentar uma África plural, multicultural, e não o retrato de um continente uniforme.

Gostamos quando a Academia nos surpreende com uma escolha totalmente fora da caixa, deitando por terra os nomes mais expectáveis. Mostra-nos que, após um processo de seleção muitíssimo rigoroso, a escolha pode representar uma novidade, uma descoberta para a extensa maioria dos leitores. Aguardamos a publicação da sua obra em Portugal!

Paraíso, de Abdulrazak Gurnah



Postal do Algarve, LETRAS & LEITURAS: Artigo de Paulo publicado no Caderno de Artes Cultura. Sul de julho.

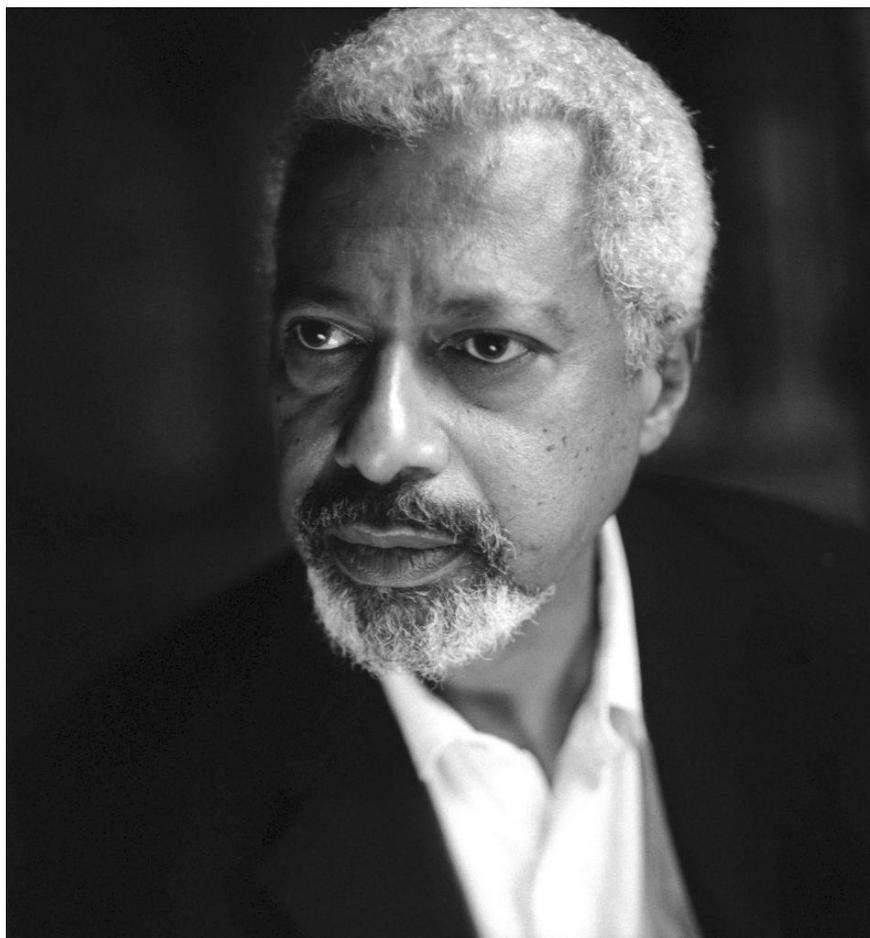
[09:00 8 Julho, 2022](#) | [POSTAL](#), Paulo Serra, doutorado em Literatura na UAlg e Investigador do CLEPUL

Paraíso, de Abdulrazak Gurnah, é a segunda e mais recente obra do autor (em Portugal) publicada pela Cavalos de Ferro, com tradução de Eugénia Antunes.

Este romance do mais recente Nobel da Literatura confirma-o como uma voz literária de grande fôlego. Publicado originalmente em 1994, finalista do Booker Prize e do Whitbread Award, foi este romance que claramente projetou Abdulrazak Gurnah para o palco internacional, consagrando-o como um dos grandes escritores da actualidade.

Paraíso é uma fusão de romance de formação, ficção histórica e literatura de viagens. Centra-se na infância e juventude de Yusuf, ao mesmo tempo que nos oferece uma narrativa alegórica, efabulatória, do continente africano nas vésperas da Primeira Guerra Mundial.

Nascido numa pequena povoação da África Oriental, Yusuf vive em fome permanente (como a criança em crescimento que é) e é vendido aos doze anos pelo seu pai ao rico comerciante Aziz, a quem se habituara a chamar tio. Só gradualmente é que o jovem compreenderá que foi entregue como penhor das dívidas que o pobre pai foi contraindo ao longo dos anos e que esta é uma prática relativamente comum naquela zona. Na sua nova vida como escravo, ainda que relativamente confortável, e contando com a estima de Aziz, o seu patrão e dono, Yusuf será depois chamado a participar numa perigosa expedição comercial ao interior do continente. Nessa viagem de iniciação ao coração das trevas de uma parte do imenso e complexo continente africano, Yusuf constatará como a paisagem muda permanentemente. Bela, selvagem, árida, por vezes sem nada a não ser terra vermelha, povoada de animais ferozes que frequentemente disputam o território com os humanos, Yusuf descobre igualmente um território povoado por tribos hostis, africanos muçulmanos, comerciantes indianos e agricultores europeus.



Abdulrazak Gurnah venceu o Prémio Nobel da Literatura de 2021 – FOTO MARK PRINGLE / D.R.

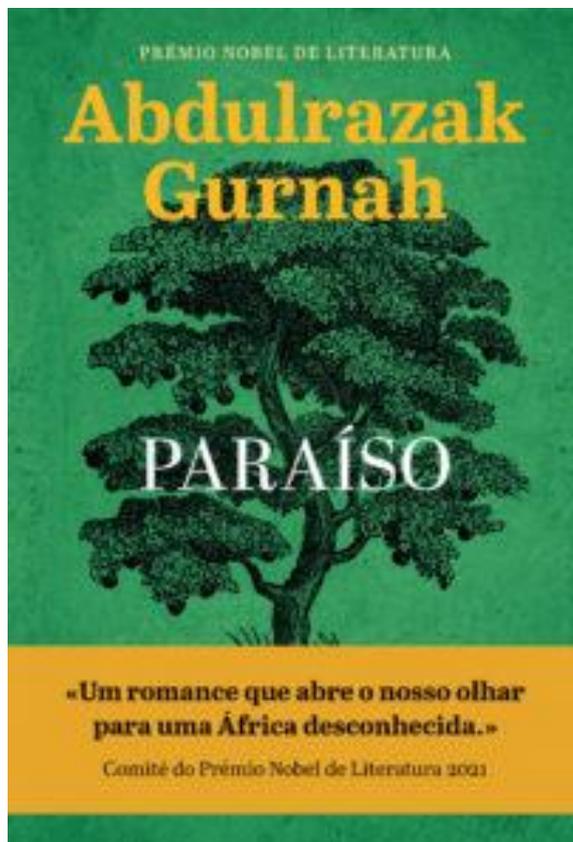
A narrativa é mais coesa do que a de *Vidas Seguintes*, o primeiro romance deste autor publicado entre nós. Em comum, temos um tom narrativo encantatório, em que, ainda que sejam nomeados espaços físicos, e Zanzibar é um nome distante sempre presente – nunca há uma clara alusão ao país africano em que a ação decorre, ainda que se nomeiem alguns topónimos. Igualmente indefinido é o tempo; só perto do final do romance na alusão à guerra prestes a iniciar entre ingleses e alemães é que percebemos que estes podem ser os últimos dias antes da Primeira Guerra.

Numa narrativa sempre isenta, sem alguma vez procurar dar pistas de leitura, esta é, ainda assim, uma história cheia de subtexto, com um final em aberto. Neste paraíso ameaçado, disputado pelos europeus, Yusuf é ele mesmo uma espécie de anjo. Um jovem bondoso sem mácula, e que se mantém virgem até ao final do livro, apesar das constantes tentações, pois causa permanente admiração e fascínio por onde passa; a sua beleza involuntariamente atrai mulheres e homens. As mulheres são, no entanto, elas próprias propriedade dos maridos, ou pais, pelo que dificilmente se podem deixar tentar.

Yusuf é igualmente fascinado pelo jardim do comerciante Aziz, criado graças ao empenho do introvertido jardineiro. É no trabalho desse jardim que se refugia, sempre que possível.

Vendido como escravo pela própria família, Yusuf simboliza um continente que é também ele disputado a regra e esquadro. Numa época em que se pressente já a flagrante mudança numa terra «pura e luminosa» (p. 126), trazida pelas disputas coloniais e pela guerra na Europa, África é em si um pequeno paraíso virgem, a começar a ser tocada pela mão humana, cujas boas intenções podem

ainda assim corromper a bondade natural de um povo: «Um pastor luterano ensinara-os a usar o arado de ferro e a construir a roda. Disse-lhes que eram dádivas do seu Deus, que o enviara para aquela montanha para oferecer a quem ali vivia a salvação das almas.» (p. 71)



Paraíso foi o romance que projetou Abdulrazak Gurnah para o palco internacional

São centrais à obra do autor temas como a experiência africana, o colonialismo, a noção de identidade e do valor humano.

«E estes jovens vão perder ainda mais. Um dia, os Europeus vão fazê-los cuspir em tudo o que sabemos e vão fazê-los recitar as suas leis e a sua história do mundo como se fosse a palavra divina. Quando chegar a sua vez de escrever sobre nós, o que vão dizer? Que fizemos escravos.» (p. 97)

Na década de 1960, Abdulrazak Gurnah foi forçado a sair de Zanzibar, então em revolução. Na altura com 18 anos, chegou como refugiado ao Reino Unido, para poder continuar a estudar. Foi professor de Inglês e Literaturas Pós-coloniais na Universidade de Kent. No conjunto da sua obra destacam-se ainda os romances *By the Sea* (2001), nomeado para o Booker Prize e finalista do Los Angeles Times Book Award, e *Desertion* (2005), finalista do Commonwealth Writers.